

EDITORIAL

EDI

O simpósio apresentado neste número, sobre a humanização no atendimento à saúde, atingiu plenamente os objetivos editoriais que determinaram sua escolha. Os que fazem esta revista podem se orgulhar de que o mesmo está compatível com o nível apresentado nos anteriores.

Os trabalhos de Montserrat Bordes Solanas, Léo Pessini, Délio Kipper, Jussara Loch, William Hossne, Corina Freitas, Maria H. Lopes, Carlos Francisconi, José Roberto Goldim e, por último, mas não menos importante, o do professor José Eduardo de Siqueira, simposista e simposiarca, merecem a admiração e o agradecimento dos editores da revista Bioética e do Conselho Federal de Medicina.

A revista traz ainda um artigo do conselheiro Fernando Monte, do CRM-CE - inestimável contribuição de um médico e intelectual nordestino que, a partir de suas vivências profissionais, revela suas opiniões sobre temas éticos.

Humanizar significa tornar humano. Em sentido estrito, mas situado no contexto presente, significa tratar os pacientes como gente, respeitá-los como sujeitos de uma dignidade especial e senti-los como pessoas potencialmente iguais a nós próprios, ou seja, simplesmente respeitar a personalidade e a dignidade inerentes aos seres humanos. Com maior latitude, o termo humanizar pode abranger os conceitos de humanismo e de humanitarismo. Neste sentido amplo, o termo humanização inclui o humanismo, que pode ser definido como uma tendência doutrinária progressista de pensar a sociedade, caracterizada pela defesa da dignidade, da liberdade e da plena realização da personalidade e dirigida para fomentar a satisfação das necessidades individuais e sociais dos seres humanos. Hoje, mais que nunca, o humanismo está orientado para o respeito aos direitos humanos e sua efetivação para todas as pessoas, sem exclusão de qualquer uma.

EDITORIAL

EDITORIAL

No humanismo situam-se numerosos aspectos filosóficos (especialmente ético-morais), socioeconômicos, sociopolíticos, socioantropológicos e psicossociais, e cada um pode ser tratado diferentemente desde que se respeitem os pressupostos acima mencionados. O ponto mais essencial do humanismo, ou talvez seja melhor dizer, dos humanismos, porque são muitos, parece ser aquele que aponta para a necessidade de avaliar as relações dos seres humanos entre si e destes com o meio social e com o meio físico. De construir uma sociedade para os humanos e de preservar a natureza para as gerações futuras. Todos os seres humanos. Da qual, parafraseando Terêncio, se possa afirmar: tudo que é humano deve interessá-la.

O terceiro sentido presente no conceito de humanização, o humanitarismo, por sua vez, se refere ao primado da misericórdia e à solidariedade ativa; ao desejo de socorrer alguém que esteja sofrendo ou sendo vítima de qualquer constrangimento ou tratamento indigno.

Não obstante, deve-se ter bem presente que, ainda que a cortesia e a civilidade estejam incluídas no conceito de humanização, esta não pode ser reduzida àquelas.

Ao longo dos últimos 25 séculos, a Medicina tem se caracterizado por ser uma atividade humana, humanista e humanitária. Todos os moralistas médicos insistem nestas teclas, com essas ou outras designações que lhes sejam análogas. É verdade que essas qualificações jamais puderam ser atribuídas a todos os médicos. E houve períodos da História em que isso ocorreu mais raramente que em outras. O regime escravista e de servidão não propicia a humanização. Os totalitarismos tribais, religiosos, nazistas e stalinistas, dentre outros, servem muito bem como exemplos de períodos históricos desumanizados do passado mais recente. Neles, a desumanização geral da sociedade exerceu sua influência nos estratos particulares. Inclusivo na prática médica que então (e ali) se exercia. A desumanização neoliberalista, característica do momento hoje vivido pelo mundo, também há de exercer sua influência em todos os aspectos da existência social. E é contra isso que simpósios como este servem como instrumentos de resistência.

No tocante à assistência médica (com seu sentido mais amplo, compreendendo todas as instituições, estabelecimentos e ações de assistência à saúde) pode ser feita a mesma ressalva, com relação ao tipo de cultura. O testemunho dos coetâneos parece indicar que a assistência aos enfermos no Islã foi muito mais humana, humanista e humanitária do que a que se proporcionava na Cristandade durante vários séculos. Nenhum hospital cristão teria chegado, sequer, a se aproximar da qualidade dos cuidados proporcionados em Bagdá ou na Córdoba árabe, tanto em termos técnicos quanto humanitários.

EDITORIAL

EDITORIAL

O ser humano livre de toda exploração, de toda opressão, de toda exclusão, de toda alienação. Vivendo em uma sociedade construída por todos e para todos. Não em uma sociedade edificada por todos para alguns poucos.

Mais que nunca vale a pena apelar para os valores hipocráticos, tão caros aos médicos de todos os tempos: filantropia (amor pelos seres humanos), filotécnica (amor a seu ofício), filosofia (amor ao estudo e ao conhecimento) e o compromisso com a obrigação de não fazer o mal. Aos quais, ao longo dos tempos históricos, a consciência moral da cidadania acrescentou dezenas de outros.

Se os filósofos do século XIX se indignavam com a degradação do ser em ter e do trabalhador em mercadoria, o que dizer da situação atual, na qual essa degradação assola toda a sociedade, em que a medida de alguém é dada pelo seu patrimônio, renda ou salário? Uma sociedade na qual os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres; o número de pobres aumenta em proporção exponencial e o número de ricos diminui da mesma maneira. Onde o único valor apreciável é a pecúnia, e vale tudo para embolsá-la.

Uma sociedade tomada pela injustiça, pela corrupção, pelo imediatismo e pelo hedonismo consumista. Onde o poder político é moeda de barganha e vale qualquer sacrifício moral para que alguém seja guindado a uma posição de poder. E na qual o poder econômico serve única ou predominantemente para especular lucros astronômicos, obtidos à custa do sacrifício de milhões de pessoas.

Tratado do geral e de algumas de suas particularidades, avance-se para o específico na singularidade. Um trabalho no presente simpósio chama a atenção pela espontaneidade e oportunidade de seu conteúdo, O Papel da Comunicação na Humanização da Atenção à Saúde, de autoria da prof^{da}. Maria Júlia Paes da Silva. Com relação à forma, ainda que se trate de coisa menor, pode-se estranhar que a autora tenha preterido os conceitos semióticos de expressão e impressão, de largo uso na psicologia e na semiologia médica, onde se mostram tão adequados para seu objetivo, em favor dos conceitos filosóficos entendimento e compreensão, tão pouco precisos e tão moveções ideologicamente.

Devendo-se notar que o termo expressão é utilizado para indicar toda ação comunicativa que emprega o corpo do agente comunicador como meio da mensagem. E impressão, como o resultado da captação e decodificação da mensagem expressa. Que a expressão pode emitir sinais verbais ou não-verbais; sendo que as formas verbais de expressão conduzem melhor mensagens cognitivas, enquanto

EDITORIAL

EDITORIAL

as mensagens de natureza afetiva são melhor comunicadas pelas manifestações não-verbais da expressão. Que a impressão analítica corresponde à decodificação cognitiva de signos elementares e que a expressão sintética corresponde a uma síntese cognitiva dos elementos particulares da expressão e mais o ressoar afetivo da expressão global.

Sabe-se ser freqüente que os sentidos das palavras empregadas simultaneamente na linguagem comum e na terminologia científica ou filosófica apresentem diferenças semânticas, por vezes muito importantes, em cada um destes usos. Uma mesma palavra pode ter significações muito diferentes nestes dois níveis de emprego. Isto sucede com as categorias gnoseológicas e psicológicas entender e explicar, compreender e interpretar, quando empregadas pelo senso comum, mesmo culto. Na linguagem comum, da comunicação cotidiana, as palavras entender e explicar, entendimento e explicação, contêm diversos sentidos, como se pode ver nos dicionários. Entender se refere ao procedimento racional de estabelecer conexões lógicas entre um símbolo e seu significado. E seu correlato lógico, explicar, pode significar transformar uma coisa desconhecida em algo conhecido, tornar inteligível o que é obscuro; justificar, ensinar, expor, explanar; ou dar a conhecer a origem, o motivo ou o mecanismo gerador de um processo ou desenvolvimento; pode significar dar satisfação a alguém sobre alguma coisa (coisa, com o sentido de tudo que pode ser pensado). Enquanto que na terminologia científica o termo explicar deve ser empregado com sentido mais restrito e exato. Aí, a explicação e a previsão são consideradas como os dois objetivos mais importantes das ciências factuais que, em última análise, destinam-se a explicar e prever as coisas do mundo.

Na linguagem comum e na linguagem científica do início do século XX (e para algumas escolas filosóficas), utiliza-se a palavra entender como sinônimo da palavra compreender. Contudo, esta prática deve ser evitada na linguagem técnica cuidadosa da filosofia e das ciências psicológicas, nas quais esta sinonímia não existe ou, pelo menos, não existe necessariamente. Em filosofia, psicologia, psicopatologia, os dois termos devem significações distintas. E, quando tal não acontece, o sentido utilizado deve ser bem definido, como sugeria a lição socrática de definir os termos.

Em geral, compreender tem sentido mais amplo do que entender. Contém o entendimento e vai além.

Do ponto de vista da elaboração e da teoria do conhecimento médico, como acontece na ciência em geral, explicar significa conhecer aquilo que um determinado fenômeno ou objeto tem de essencial, ainda que isto não aconteça de maneira absoluta ou em todas as ocasiões, mas pelo menos naquele contexto específico em que está sendo cogitado.

EDITORIAL

EDITORIAL

Em medicina, como em qualquer outra atividade científica ou fundamentada na ciência, o conceito de explicação, notadamente a idéia de explicação de uma enfermidade, se confunde com o conhecimento de sua causalidade e o entendimento de seus fatores patogênicos e dos mecanismos produtores dos sintomas (etiopatogenia).

Embora os conceitos de entendimento e explicação, compreensão e interpretação se reportem a filósofos da Antigüidade, como Aristóteles e Plotino, seu emprego mais recente (e, ao menos aparentemente, mais importante) se deve a Dilthey, Jaspers e Heidegger.

Com um sentido bem sintonizado com o estado atual do conhecimento filosófico, entender significa estabelecer conexões lógicas entre um fato e suas explicações, conhecer o mecanismo lógico e interno de um processo. A noção de explicação (erklarung) concretiza e completa a de entendimento, que lhe é dialeticamente complementar. Explicar e entender são categorias fundamentais da teoria do conhecimento. Veja-se a trajetória histórica do termo entendimento (verständnis, no idioma alemão, no qual foi criado). O conceito de entendimento se completa na explicação. Origina-se nas noções de nous e de entelequia, tratada por Aristóteles e Plotino, que resultou em intellectus, no latim. Potência intelectual. Spinoza a diferenciava de libertate humana. Locke, Berkeley e Hume tratam o entendimento como obra intelectual, racional. Malebranche, em Recherche de la Verité, trata o entendimento como o conhecimento puro que, na sua opinião, deve ser independente de quaisquer componentes sensíveis. Leibnitz também distinguia entre a sensibilidade e o entendimento, subordinando aquele a este. Kant pretendia a sensibilidade como uma faculdade da intuição, a intuição intelectual, aproximando o entendimento da razão. Hegel define o entendimento como razão abstrata, razão raciocinante. Veja-se a instabilidade significativa de tal palavra. Que para se tornar um termo precisa ter seu sentido exato previamente predefinido.

Já a noção de compreensão (verständnis) pode muito bem ser empregada com o sentido de apreensão global mais ou menos intuitiva e empática da expressão do outro; intuição ou mecanismo de caráter afetivo, no que difere da natureza cognitiva de entender; impressão. A análise etimológica indica que, a rigor, compreender significa intuição empática, abranger algo em sua totalidade; ter consigo, conter, ter dentro de si como uma impressão completa; tendo conotação mais de apreensão e sintonia afetiva que de interpretação e decodificação analítico-cognitiva (entender); compreender é apreender a explicação intuitivamente. Para muitos, como S. Blackburn, compreender é uma espécie de entendimento do sentido com que um termo está sendo empregado. Os psicanalistas, freudianos e

EDITORIAL

EDITORIAL

outros, empregam o termo interpretação com esse sentido (descoberta de um conteúdo psicológico inconsciente mas motivador, subjacente a uma experiência consciente).

Sendo possível haver entendimento na decodificação cognitiva de um significante, sem que haja compreensão (interpretação mais ou menos empática de sinais afetivos). Mas não pode suceder o contrário.